

O QUE ESPERAR DE 2014?



Carnaval, Copa do mundo, eleições... o que se esconde por trás dos mega-eventos?

Em época de copa do mundo é comum ouvir que o ano passa voando. Primeiro vem o verão, daí já é carnaval, logo copa do mundo e por fim eleições. E o verão já está aí de novo. Esse ciclo também é seguido por uma incredulidade da população. A história nos ensina que nestes anos, nada é o que parece ser. O Brasil para para assistir à seleção! É a pátria de chuteiras! O carnaval é a maior festa do país! Quem não gosta de samba, então, é ruim da cabeça ou doente do pé! Político é tudo igual e quem se ferra é o povo!

Mas estes três "lemas" nacionais acabam ofuscando uma visão mais crítica do ciclo do poder brasileiro. Em 2012 o Brasil viveu um momento histórico com inúmeras manifestações tomando as ruas das principais cidades do país. Entretanto, sem uma unidade de reivindicações, o povo atirou para todos os lados. A população cobrava dos governantes melhorias na saúde pública, educação, mobilidade urbana. Os cidadãos exigiam duras penas para corruptos e corruptores. Tudo num clima de "apartidarismo", exaltado pelos meios de comunicação. E aí mora um grande problema.

Há muito tempo que as instituições de comunicação caíram em descrédito. A população percebeu que os grandes grupos, os chamados "formadores de opinião" nada mais são do que perpetuadores das condições da classe hegemônica, ou seja, apenas reproduzem "notícias" que influenciem a opinião pública a manter as coisas como estão. Os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.

Com um ano marcado por mega-eventos, que muito provavelmente atrairão mais uma onda de manifestações genéricas, temos que ficar

atentos aquilo que não é notícia. Enquanto a cobertura midiática se debruçará sobre trocas de acusações entre partidos políticos, superfaturamentos nas obras da copa, caos na educação e na saúde e nos levantes populares, temos também que ficar atentos aos ataques camuflados aos direitos dos trabalhadores.

O PL 4330, que regulamenta a terceirização e joga as relações de trabalho num fosso e os trabalhadores no desespero foi suspensa no ano passado após forte mobilização dos trabalhadores organizados através das centrais sindicais. Entretanto é bastante provável que a matéria seja retomada com grande lobby dos empresários para sua aprovação. Além disso, o PL 4193 também surge como ameaça aos direitos dos trabalhadores, propondo que os acordos coletivos de trabalho permitam rebaixar os direitos contidos a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

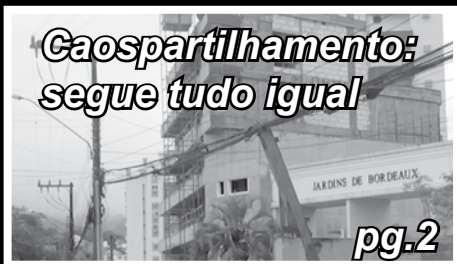
É óbvio que (quase) todos gostam de festa e futebol. E também é óbvio que as eleições são fundamentais para o futuro do Brasil. Ninguém está dizendo para que se lance uma campanha contra o carnaval, para que ninguém assista os jogos da seleção nem

debata o futuro político do país. O que queremos é que todos tenham consciência crítica nos momentos certos. Questionar gastos públicos com Copa do Mundo é um direito de todo cidadão. Defender melhores serviços de educação e saúde também. Sair às ruas é fundamental para fazer valer o poder do povo. Mas também é fundamental não se perder no furor das notícias nem se desorientar com as multiplicidades dos desejos. Vamos ver nas entrelinhas. Vamos sim defender uma ideologia. E vamos ficar atentos na defesa de nossos direitos.

"Enquanto a cobertura midiática se debruçará sobre trocas de acusações entre partidos políticos, superfaturamentos nas obras da copa, caos na educação e na saúde e nos levantes populares, temos também que ficar atentos aos ataques camuflados aos direitos dos trabalhadores"

Acima de ser o país do samba e do futebol, temos que ser um país justo. E para isto, só com muita luta e união!

Caospartilhamento: segue tudo igual



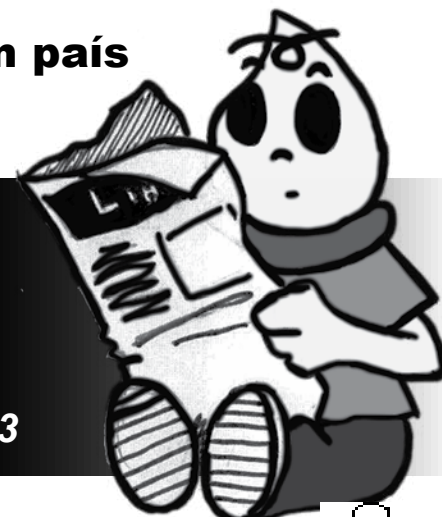
pg.2

Lançado comitê para Plebiscito da Reforma Política

pg.2

Sobreaviso e Periculosidade: Ano novo, novas práticas?

pg.3



LANÇADO COMITÊ PARA PLEBISCITO DA REFORMA POLITICA

Foi inaugurado na quinta-feira, dia 18 de dezembro, o comitê catarinense do Plebiscito por uma Assembleia Constituinte Exclusiva e Soberana do Sistema Político brasileiro. No mesmo evento, realizado no plenarinho da Assembleia Legislativa, em Florianópolis, foi lançada a cartilha que vai ajudar as pessoas interessadas em promover o plebiscito a divulgar e dar informações sobre a campanha. O Plebiscito acontecerá entre 2 a 7 de setembro de 2014 e até lá existe muito trabalho a ser feito. Espera-se, por exemplo, em recolher em Santa Catarina 600 mil votos, o mesmo número alcançado pelo Plebiscito da Alca realizado em 2000. A nível nacional a ambição é atingir 10 milhões de votos. A campanha é importante por sua dinâmica forma-

POR QUE EXCLUSIVA E SOBERANA?

A campanha pedira uma constituinte exclusiva para que os constituintes sejam eleitos apenas para votar a respeito do sistema político (exclusiva) e portanto tenham apenas aquele único mandato, não podendo legislar sobre mais nada. Assim que realizada essa votação eles perdem seu mandato. Esses representantes devem ser eleitos sob novas regras e não as que existem hoje.

POR QUE SOBRE O SISTEMA POLÍTICO?

Existe a urgência, manifesta nas jornadas de junho/julho, de aperfeiçoar as regras que aperfeiçoem a democracia representativa, com a reforma do sistema eleitoral, tornando nossa democracia mais direta, participativa e com controle social. Estes constituintes debaterão, entre outros a questão do financiamento das campanhas; a representatividade (hoje de 550 parlamentares em Brasília apenas 91 votam em pautas quem interessam os trabalhadores, segundo o Diap, apesar destes representarem a maioria da população brasileira); a questão da individualização (é o indivíduo que aparece e não as idéias que defende); e a democratização da mídia e do Judiciário. A campanha nasce sob bons auspícios. O povo brasileiro esgotou sua boa vontade com os políticos, sabe que o atual parlamento não quer mudar as regras do jogo em andamento e que são necessárias novas leis que legitimem a democracia. Participe e nos ajude a construir este plebiscito.

tiva, um processo pedagógico que pretende envolver toda sociedade brasileira nesta discussão. O que não será muito difícil tendo em vista que a população brasileira, como demonstraram as jornadas de junho/julho, esta cada vez mais atenta à influência da política no seu cotidiano. "Nas manifestações de junho de 2013 população saiu à rua pedindo mais Estado, reivindicando mudanças políticas, discutindo o que é democracia, representatividade política", explica Fatima Sandalhel, da coordenação nacional do plebiscito que esteve prestigiando o lançamento em SC. O Plebiscito veiculará uma única pergunta: **"Você é a favor de uma Constituinte exclusiva e soberana sobre o sistema político?"**



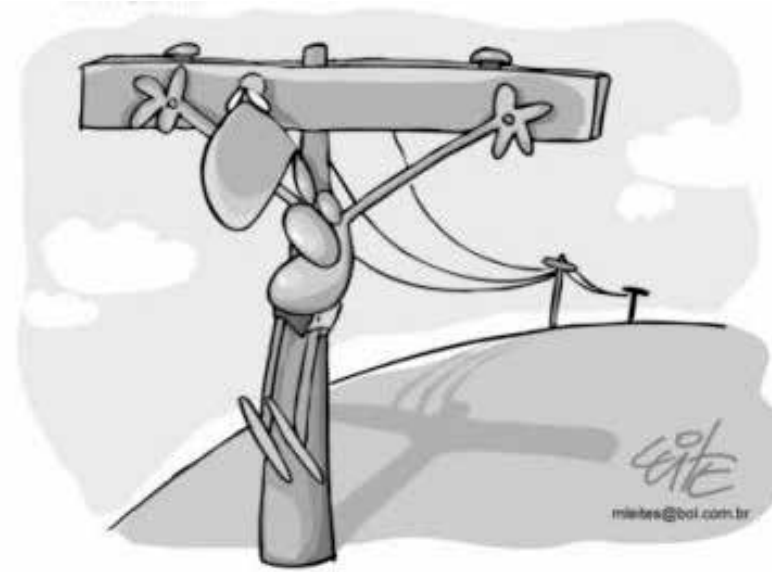
CAOSPARTILHAMENTO: SEGUE TUDO IGUAL



O caos no compartilhamento de postes continua. Cabos lançados sem projeto, falta de treinamento, falta de segurança são alguns dos problemas já relatados no LV. A situação é tão caótica que foi tema de audiência pública. Mas parece que para a diretoria da Celesc as coisas estão bem do jeito que estão. As três fotos são retratos recentes do descaso com o compartilhamento. A primeira, à esquerda, mostra o comprometimento das empresas com os serviços agendados pela Celesc. Os responsáveis não compareceram na data marcada para o deslocamento de um poste, obrigando os celesquianos a deixarem uma situação provisória para não prejudicar a população. Nas fotos acima, o retrato da falta de segurança, travestido de "homem-aranha", terceirizado se pendura na rede.

Em seu informativo nº 43 a Celesc comenta um "projeto piloto" para regularização do compartilhamento. Ao citar que a rua escolhida apresenta "problemas característicos do uso inadequado" da rede, negligenciam o fato de haver localidades muito mais preocupantes no Distrito de Barreiros. É como ter na cabeça todos os cabelos grisalhos, arrancar um único fio branco se vangloriar por achar a solução. E pior! Força tarefa de empreiteiras? É mesmo o caos!

APAGÕES: A ESTRATÉGIA DA VENDA



A Celesc foi novamente foi parar na grande mídia de forma negativa. Vários jornais noticiaram pequenos "apagões" neste fim de ano. Os celesquianos conhecem bem o motivo desta situação: falta de investimento na rede.

Durante o governo LHS a Celesc era enxergada como um grande poço de dinheiro. Mas vender uma empresa que constantemente era avaliada como a melhor distribuidora de energia pelos seus consumidores seria algo muito difícil. Depois da pilhagem feita por FHC e seus comparsas, a venda do patrimônio público já não era bem vista pela população e as empresas públicas não tinham o estigma de "pesados paquidermes". Então qual a forma de vender uma empresa bem conceituada? Sujando sua imagem.

A tática do sucateamento foi posta em prática. O investimento na rede de energia parou. E lá se vão mais de 10 anos. Neste meio tempo, a Celesc saiu de nº 1 no ranking de satisfação do cliente promovido pela Associação Brasileira de Distribuidoras de Energia Elétrica (ABRADEE) para nº 17 em 2013. De todas as formas tentaram privatizar a empresa, desde mudanças estatutárias até negociadas com a Cemig e seu modelo "privado" de gestão. O que tem segurado essa empresa, além da forte união e mobilização dos trabalhadores, ainda é a confiança dos catarinenses na qualidade dos serviços prestados pelos Celesquianos e seu compromisso com a sociedade. Mas até quando?

Investir no sistema é uma necessidade urgente. Mas com acionistas ávidos por lucro, só um governo realmente comprometido com o povo, pode. Então, o que falta para governar "para as pessoas"?

SOBREAVISO E PERICULOSIDADE: ANO NOVO, NOVAS PRÁTICAS?

No último mês de 2013, após a manifestação dos trabalhadores na Administração Central, a diretoria da Celesc suspendeu as deliberações que acabavam com a Periculosidade fixa e que diminuía a cobertura do sobreaviso nos finais de semana. A suspensão deu aos trabalhadores tranquilidade e tempo para que os sindicatos que compõem a Intercel defendam os anseios dos eletricitários.

Agora, com as festividades já passadas, é hora de retomar a luta. Desde que a Celesc anunciou a deliberação que gerou revolta nos trabalhadores, os sindicatos que compõem a Intercel tem defendido a justiça não só com os Celesquianos, mas também com a sociedade catarinense. As restrições propostas pela diretoria da empresa para o trabalho em campo e a concessão da periculosidade atingem diretamente aqueles que realmente merecem receber o benefício. Se em 2012 a Celesc estendeu a periculosidade para todos os técnicos e engenheiros indiscriminadamente, sem importar-se com os critérios definidos por lei, agora ao tentar revogar o próprio erro Celesc não pode cometer um ainda maior: suspender o benefício de quem realmente tem direito. Neste caso a legislação é clara: se o trabalhador se expõe ao risco, recebe periculosidade. Esta é a defesa dos sindicatos que compõem a Intercel. No caso dos despachantes, a situação é mais complicada: o Plano de Cargos e Salários (PCS) prevê que estes devem ir a campo, mas a falta de pessoal aliada a ingerência das chefias que não convocam, impedem o cumprimento do estabelecido no plano. Além disso, a revolta dos despachantes carrega todos os problemas do conturbado processo de otimização dos COD's. No caso do Sobreaviso a briga engloba o próprio conceito de empresa pública. A empresa pública deve primar pelo bom atendimento à população. Ao reduzir a cobertura do sobreaviso a Celesc expõe a sociedade ao iminente risco de horas sem cobertura. Isso sem falar na velha tentativa de subjugar o trabalhador com o "sobreaviso moral", prática mesquinha e abominável.

Os sindicatos da Intercel manterão a defesa dos trabalhadores e da população Catarinense, com o desejo de que 2014 venha com novas práticas de gestão por parte da diretoria. E aí segue uma dica: redução de custos não passa por retirada de direitos dos trabalhadores, nem por precarização na qualidade do serviço prestado à sociedade catarinense. Lucro não é tudo.

CARTILHAS DOS SEMINÁRIOS REGIONAIS SÃO ENTREGUES AOS TRABALHADORES

Os celesquianos que participaram dos Seminários Regionais promovidos pelo Representante dos empregados no Conselho de Administração da Celesc e organizados pelos sindicatos que compõem a Intercel e pelo Dieese receberam nesta terça-feira, dia 07, por email, um relatório geral com as avaliações realizadas.

O material é de grande importância para que os sindicatos da Intercel e os representantes dos trabalhadores eleitos trabalhem cada vez mais de acordo com os anseios dos eletricitários.

O material está disponível para download nos sites dos sindicatos da Intercel e também no facebook das instituições. Convidamos todos os trabalhadores a conhecerem o relatório, emitindo opiniões e sugestões sobre o mesmo, tornando ainda mais amplo o diagnóstico feito pelos companheiros.



9º Congresso EMPREGADOS DA CELESC

Intercel

LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Eletricitários de SC
 Jornalista responsável: Paulo Guilherme Horn (SRTE/SC 3489) | Conselho Editorial: Amica Colombo
 Rua Max Colín, 2368, Joinville, SC | CEP 89206-000 | (047) 3028-2161 | E-mail: sindsc@terra.com.br
 As matérias assinadas não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.
 www.sindsc.blogspot.com | www.sinergia.org.br | www.sintresc.com.br
 www.intersul.org.br



Chiapas: injustiça, pobreza, luta e dignidade

"Chiapas é uma reinvenção em movimento, descendente daquela madrugada de primeiro de janeiro de 1994 quando os zapatistas ocuparam o palácio municipal e o esvaziaram"

A voz dos símbolos se cala quando aparece a neblina. Espessa e crescente a medida que a estrada de montanha sobe em direção à comunidade de Oventic, uma das cinco juntas de bom governo administradas pelos zapatistas. Estas são terras rebeldes e muito pobres. Aqui, as palavras cheias de símbolos e poesia do subcomandante Marcos não têm lugar. Essa é a realidade. Respira-se a dupla força da humildade e da dignidade. Hoje há festa. O ano velho se vai em meio a névoa, a garoa e o frio cobrem o local onde o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) organizou a celebração dos 20 anos do levante zapatista (1994-2014).

O ano novo pede passagem entre lembranças, músicas de protesto, chamados à rebeldia e a escandalosa situação na qual ainda vivem os indígenas da região. Combate e pobreza. "Los de abajo vamos por los de arriba", canta uma rapper vinda dos Estados Unidos. Um grupo musical do EZLN com o gorro cobrindo o rosto entoava canções zapatistas. Não há tempo nem espaço para a nostalgia. As pessoas abrem passagem entre o barro e a neblina. Há muito por fazer, por construir e resistir. O EZLN acusa as autoridades de manter uma política de guerra, uma pressão permanente de desgaste cuja meta consiste em marginalizá-lo na pobreza e tirar as terras que eles recuperaram em 1994. A experiência zapatista tem várias leituras. Muitas podem ser certas individualmente, mas nenhuma abarca a complexidade de um movimento indígena armado que conseguiu instalar na paisagem política um sistema de autogoverno que engloba cerca de mil povos agrupados nos municípios autônomos. Estas zonas são administradas com sistemas próprios de saúde, educação, cultivos agrícolas autossuficientes, segurança, distribuição de café, artesanatos ou mel.

Uma boa parte das famílias choles, tzeltales, tojolabales ou tzotziles não recebe o amparo dos programas sociais governamentais porque não respondem inteiramente às regras estabelecidas pelas autoridades, entre elas, por exemplo, o pagamento de impostos pelas terras. Certa imprensa urbana e ocidental faz um balanço injusto da revolução zapatista. Apontam o EZLN como um mau gestor de suas comunidades, que implementou uma revolta que, duas décadas depois, é estéril. É um olhar muito estreito desse vasto conflito. Chiapas é um modelo em pequena escala da arrasadora injustiça no mundo.

É preciso viver ou vir a estas terras para beber o frio e estreitar a hostilidade do clima, a dificuldade para renovar os cultivos, o olhar sempre profundo e digno das comunidades maias. "Estamos aprendendo a nos governar de acordo com nossas formas de pensar e viver. Estamos tratando de avançar, de melhorar e nos fortalecer, homens, mulheres, jovens, crianças e anciãos. Como há 20 anos, dizemos já basta". A Comandante Hortensia leu com voz segura o comunicado do EZLN. Parada no centro do cenário, com o rosto coberto, a comandante reiterou que não haveria recuo no processo de autonomia. "Existimos e aqui estamos. Há 20 anos não tínhamos nada, nenhum serviço de saúde e educação de nosso povo. Não existia nenhum nível de autoridade que fosse do povo. Agora temos nossos próprios governos autônomos. Bem ou mal conduzidos, mas é a vontade do povo (...) Estamos tratando de melhorar nossos sistemas de saúde, educação e governo. Está claro para nós que falta muito por fazer, mas sabemos que nossa luta avançará. E aí estão essas zonas de autogoverno, efetivas, dignas, ameaçadas. É uma verdadeira guerra de extermínio. Há dezenas de milhares de soldados que estão ocupando as terras que nos pertencem. Apesar de tantas maldades, aprendemos a sobreviver e resistir de maneira organizada", diz a comandante.

Chiapas é uma reinvenção em movimento, descendente daquela madrugada de primeiro de janeiro de 1994 quando os zapatistas ocuparam o palácio municipal e o esvaziaram. Na sacada da prefeitura apareceu o comandante Felipe, um tzotzil que leu com o rosto descoberto o primeiro comunicado do EZLN, a famosa Declaração da selva Lacandona. Aquelas palavras tinham uma ênfase nova. Traziam ar puro aos já surrados discursos revolucionários. Os zapatistas exigiam algo distinto: "tudo para todos, nada para nós". Não falavam em nome de Marx, ou do indigenismo puro, Foram, a sua maneira incrivelmente adiantada, os primeiros indignados da história moderna. Por isso, suas palavras nos envolveram a todos com seu porta-voz como estandarte, o Subcomandante Marcos, o único mestiço daqueles tempos que se somou aos indígenas.

A passagem de 31 de dezembro a 1º de janeiro pegou de surpresa ao presidente mexicano Carlos Salinas de Gortari. O mandatário estava festejando a aplicação do Tratado de Livre Comércio da América do Norte. O ministro da Defesa o avisou que um grupo armado acabava de tomar San Cristóbal de las Casas e outras localidades de Chiapas. Salinas mandou o exército. Os combates duraram cerca de duas semanas. Após centenas de mortos, Carlos Salinas de Gortari, pressionado por seu sócio norte-americano Bill Clinton, decretou um cessar-fogo com uma oferta de perdão. O Subcomandante Marcos respondeu com uma memorável declaração:

Do que temos que pedir perdão? Do que vão nos perdoar? De não morrermos de fome? De não ficarmos calados em nossa miséria? De não ter aceitado humildemente a gigantesca carga histórica de desprezo e abandono? De termos nos levantado em armas quando encontramos todos os outros caminhos fechados? De não termos nos atido ao Código Penal de Chiapas, o mais absurdo e repressivo do qual se tem notícia? De termos demonstrado ao resto do país e ao mundo inteiro que a dignidade humana ainda vive e está em seus habitantes mais empobrecidos? De termos nos preparado bem e de modo consciente antes de iniciar? De termos levados fuzis ao combate, ao invés de arcos e flechas? De termos aprendido a lutar antes de fazê-lo? De sermos todos mexicanos? De sermos majoritariamente indígenas? De chamar todo o povo mexicano a lutar de todas as formas possíveis pelos que nos pertence? De lutar por liberdade, democracia e justiça? De não seguir os padrões das guerrilhas anteriores? De não nos rendermos? De não nos vendermos? De não traírmos?

Um rincão do país esquecido por todos estragou a festa do tratado ultraliberal, e um novo ator, os povos indígenas do país, se convidou para as cerimônias, somando-se aos reclames de justiça, igualdade e reconhecimento que sempre estiveram ausentes. Fizeram isso com as armas e a palavra. A mensagem zapatista correu o mundo. Tudo isso se respira na neblina úmida de Oventic, longe, muito longe da análise dos intelectuais urbanos que não chegam a estas alturas nem envoltos em cobertores, muito longe dos editoriais falsos, da covardia disfarçada de valentia ideológica, das agressões neoliberais dos porta-vozes sectários que residem em bairros confortáveis, das estatísticas e das cifras que cercam a suspeita de um fracasso.

A resistência sempre é custosa. O EZLN e os indígenas pagam o tributo da autonomia que tentam implementar. Há erros e eles existirão sempre. A Comandante Hortensia lembrou que "nós temos que trabalhar e nos organizar mais. Já não se trata só de resistir, mas sim de organizar a resistência em todos os níveis. Pensam que com sua estratégia vão nos calar, mas se enganam. Aqui estamos e aqui seguiremos". E aqui estamos nesta meia-noite humilde e grandiosa. Fria e cativante. O ano novo desveste o anterior. Virão novas neblinas. Mas esta voz autêntica, estes rostos e estas mãos marcadas pela dignidade e pelo trabalho, já são mais um tecido do patrimônio da rebeldia política da humanidade.

Por Eduardo Febbro | publicado originalmente em www.cartamaior.com.br

